

Cinema de rua e construções de memórias no espaço urbano da Praça Saens Peña

FERRAZ, Talitha Gomes

Mestranda da Escola de Comunicação da UFRJ (ECO-UFRJ)

Resumo

A Praça Saens Peña, localizada no bairro da Tijuca, Zona Norte do Rio de Janeiro, já foi chamada de “segunda cinelândia carioca”, chegando a abrigar, ao mesmo tempo, treze salas de cinema de rua, na segunda metade do século XX. Partindo de uma pesquisa etnográfica realizada com antigos freqüentadores dos cinemas atualmente extintos, o artigo discute a construção de memórias no espaço urbano. Verificaremos como o cinema possibilitou uma sociabilidade baseada nas trocas e nos *agenciamentos coletivos* (CAIAFA, 2007) entre cidade, filmes, salas de exibição e indivíduos. Consideraremos a hipótese de que existem, no relato dos informantes, diferentes memórias, percepções e apreensões do que foi a Praça Saens Peña como um espaço do cinema de rua, ativador do encontro entre alteridades.

Palavras-chave: cinema, memória, cidade, sociabilidade, agenciamentos coletivos, alteridades

1. Introdução

Tapetes vermelhos de “três centímetros de altura”, onde cada pegada passava a sensação de “pisar em nuvens”. Poltronas acolchoadas ou de couro. Mármore, detalhes dourados, “ar condicionado perfeito” e lanterninhas atentos. Cenário de “puro luxo”, que contrastava com cadeiras de madeira, “cheiro de mofo”, “bagunça da rapaziada” e calor de “poeirinhas barulhentos”. Esses são os comentários mais recorrentes que algumas pessoas fazem, quando se lembram de suas idas aos cinemas da Praça Saens Peña¹, na Tijuca, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro.

¹ A Praça Saens Peña é considerada a região central da Tijuca. Possui pontos de linhas de ônibus para a maioria dos bairros da cidade, além de ser estação terminal da Linha 1 do Metrô Rio. É delimitada pelas ruas Conde de Bonfim e General Roca, perpendiculares que circunscrevem a praça, dando-lhe um formato retangular. Na Saens Peña, desembocam: Avenida Heitor Beltrão, Rua Almirante Cochrane, Rua das Flores, Rua Carlos Vasconcelos, Rua Soares da Costa, Rua Desembargador Isidro e Rua Doutor Pereira dos Santos. Moradores da Tijuca, comerciantes e transeuntes geralmente chamam as áreas de entroncamento com a Saens Peña (ruas paralelas e perpendiculares) de “a praça” ou “na praça”. Portanto, é importante notar que existe um englobamento simbólico dos pontos geográficos, que passam ao domínio da categoria “praça”.

Hoje, não se percebe que ali já existiram cinemas. Quem anda na Rua Conde de Bonfim, no trecho em frente à praça, convive com o barulho do trânsito atrapalhado e funcionários de financeiras que nos interpelam com propostas de empréstimo fácil. Olhando em volta, há grandes lojas de departamentos, farmácias, agências bancárias, algumas galerias, centros de serviços, comércio intenso e uma Igreja Universal do Reino de Deus. A maioria ocupa prédios que formaram – em geral, entre as décadas de 1940 e 1970 – a “segunda cinelândia carioca”².

Este artigo pretende pensar o lugar que os extintos cinemas da Praça Saens Peña ocuparam (e ocupam) na vida de moradores e *habitués* da Tijuca. Trata-se de uma pesquisa de inspiração etnográfica, que analisa a construção de memórias e percepções do que foi o hábito de ir ao cinema na Praça Saens Peña. Num primeiro momento, faço um histórico das primeiras experiências de exibição na área. As vozes dos freqüentadores mais velhos do local passam a co-realizar o artigo apenas a partir do exame da “época de ouro” do cinema na praça: a década de 1940.

A base histórica é fundamental para entendermos as condições em que se teceu a rede de sociabilidade marcada pela presença desses cinemas. Salas poeirinhas ou grandes palácios de exibição proporcionaram, neste espaço urbano, o encontro entre alteridades. Desta forma, o artigo vai trabalhar com o conceito de “agenciamento coletivo”, criado por Deleuze e Guattari (1977), e adequado por Janice Caiafa (2007) aos estudos da cidade. Assim, é feita a análise das relações entre pessoas e cinema no espaço urbano da Praça Saens Peña. Trazer para o texto memórias e lembranças referentes a esta ocupação dos espaços – interpelada pelas salas de exibição – é o que tento realizar.

2. Espaços do cinema até 1940: um breve histórico

A primeira sala de exibição da Tijuca foi anterior à construção da Praça Saens Peña³. Na primeira década do século XX, grande parte dos cinemas do bairro estava

² “Segunda cinelândia carioca” é um termo usual na fala dos entrevistados que lembram dos cinemas da Praça Saens Peña. Também é citado em matérias pesquisadas nos jornais. Neste artigo, o termo abarca todos os cinemas que existiram nas ruas que cercam, desembocam e/ou estão no perímetro de abrangência da Praça Saens Peña: “na praça”, conforme nota 1.

³ A Praça Saens Peña foi inaugurada em 1911, pelo então prefeito do Rio de Janeiro, Bento Ribeiro. Seu nome é em homenagem a um antigo presidente da Argentina, Saens Peña, que havia visitado o Brasil na época. A área antes era chamada Largo da Fábrica de Chitas, por causa de uma estamperia de tecidos da

concentrada na Rua Haddock Lobo, que é a continuação da Rua Conde de Bonfim, em direção ao Centro da cidade e à Zona Sul. A Praça Saens Peña ainda não se configurava como um pólo de salas de exibição. O primeiro cinema da área surgiu em 1907, como o nome de Pathé Cinematográfico. Funcionou até 1909, na Rua Haddock Lobo, número 27. Também em 1907, nesta mesma rua, foi inaugurado o Pavilhão Progresso, que exibiu filmes por apenas quatro meses.

Neste primórdio das salas de cinema, era comum que tivessem um curto tempo de vida. Muitas duraram apenas meses, fechando logo após a inauguração. Cinematógrafo Maracanã (de 1908 a 1909, na Rua Major Ávila), Éden Cinema (de 1909 a 1918, na Rua Conde de Bonfim) e Cinema Fábrica das Chitas (1910, na Praça Saens Peña) foram tentativas de introduzir a experiência da exibição cinematográfica no bairro, mas nenhuma se manteve até 1920 (GONZAGA, 1996).

Mas havia exceções: alguns cinemas erguidos no começo do século duraram décadas, passando por reformas ou não. O Cinema Tijuca, conhecido também como Tijuquinha foi inaugurado em 1909, na Rua Conde de Bonfim, número 344. Pelo o que se tem notícia, ele seguiu até 1966 sem nenhuma grande reestruturação. O Cinema Velo veio em 1910, ocupando a área onde terminava a antiga pista do velocímetro da Tijuca. Foi um importante ponto de encontro dos moradores do bairro. Um deles fora registrado em fotografia pela Revista da Semana de 8 de maio de 1915: “A festa de caridade no Cinema Velo”. Este cinema só fechou em 1954, quando foi transformado em estúdio da Companhia Cinematográfica Atlântida. Mas, dos cinemas desta época, o único que vingou até a década de 1990 foi o Cine América. Francisco Pinto⁴, um dos diretores do grupo de exibição Severiano Ribeiro, cita os anos de 1915 e 1916 como as datas de construção e abertura.

Alguns desses cinemas ofereciam espetáculos de palco e tela, ficando conhecidos como cine-teatros. Essas salas combinavam exibição cinematográfica e outras atrações, como orquestras e pianos. Era um mercado incipiente em toda a cidade

redondeza. No antigo largo, havia uma horta e a chácara do Desembargador Isidro (hoje, nome de rua que desemboca na Praça Saens Peña). Um dos jornais da época noticiou a inauguração: “transformou-se o velho e feio Largo da Fábrica no lindo, belo e elegante jardim, tão agradável e conveniente para as famílias residentes no populoso bairro da Fábrica das Chitas” (CARDOSO, 1984: 81).

⁴ O Grupo Severiano Ribeiro manteve-se no setor de exibição cinematográfica como uma empresa familiar. Hoje é um dos maiores exibidores da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil. Além dos quatro cinemas de rua que mantém na cidade, possui uma cadeira de salas multiplex, a Kinoplex. Francisco Pinto é sobrinho-neto do fundador, o empresário Luiz Severiano Ribeiro.

e a Tijuca não escaparia desta disposição. Há indícios de que algumas sessões também se davam fora das salas de exibição, muitas até mesmo de maneira itinerante. São comuns os relatos de espetáculos de tela realizados comercialmente em grandes pavilhões, exposições, feiras e quermesses, com a apresentação de filmes, cujas imagens e técnicas de projeção beiravam a curiosidade científica. Às vezes, ofereciam até mesmo riscos aos espectadores.

(...) “um pavilhão que depois ruiu, matando gente, precisamente no lugar do Cine América de hoje, os irmãos Labanca, sempre dados a experiências com máquinas de projeção cinematográfica, possivelmente as nossas primeiras do gênero” (...). (MAIA *apud* BRASIL, 1984: 92)

Este modelo de exibição representado por experiências itinerantes, em feiras e pavilhões, duraria até meados de 1915. Conviveu alguns anos com o formato dos cine-teatros, que mais tarde tomou conta da cidade maciçamente. Pelo o que conta Hernani Heffner, diretor da Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, o cine-teatro mais marcante da Praça Saens Peña foi o Cinema América:

(...) o que você vai ter durante uns 30 anos, mais ou menos de 1910 até 1940, é o modelo do cine-teatro. (...) Era o modelo dominante, passou a ser o modelo dominante e aí as salas já são fixas, já não era mais exibição itinerante. Você cria um vínculo, um laço com o público imediato de redondezas, bairros. Você pode ver inclusive no caso da Praça Saens Peña, que ela começa a se delinear nessa época, ela teve alguns espaços de exibição num momento anterior, mas muito poucos, pouco significativos, não duravam, não é... Mas a partir da década de 10 ela vai começar a definir e o marco absoluto é o cinema América, que era bem na praça mesmo, foi criado em 16, e foi um cinema que durou muito tempo, chegou até os anos 90. (...) mas, digamos assim, o marco inaugural ou mais significativo nesse momento, nesse sentido... e ele foi criado como cine-teatro, embora ele logo [tenha] se fixado somente em exibição, quer dizer, modelo arquitetônico, modelo de construção de interiores, a idéia de ter um balcão, enfim, aquela coisa bem tipicamente teatral, foi delineado no projeto dele, embora não tenha de fato vingado, ele virou logo um cinema, a que eu saiba passou só filmes até ser fechado. (Hernani Heffner, diretor da Cinemateca do MAM-RJ)

A fachada do Cinema América teve por muitos anos uma arquitetura em estilo pagode chinês. Em 1940 o prédio foi totalmente reformado e sua estrutura passou para o estilo art-déco, seguindo o espírito arquitetônico dos demais prédios em torno da Praça

Saens Peña. Em 1997, foi transformado numa imensa loja de artigos para casa e depois em Drogaria Pacheco.

É no final dos anos 30, que o modelo do cine-teatro se esgota, dando lugar a um mercado exibidor mais consolidado. Espetáculos de palco e tela foram substituídos por sessões em grandes e luxuosos palácios do cinema. Nestes locais, cada detalhe, do filme às acomodações, correspondia a um padrão industrial de “espaços do sonho”. Por outro lado, muitos filmes também eram exibidos nos cinemas poeirinhas. Em todas as entrevistas, os cinemas aparecem como vetores de ocupação da Praça Saens Peña, evocando muitos afetos nas memórias dos antigos freqüentadores.

3. Memórias do hábito: cinema na Praça Saens Peña a partir de 1940

De espaço do cinema a *locus* estritamente comercial, como a Praça Saens Peña vem sendo representada nas memórias e no imaginário de seus moradores e *habitués*? Como as extintas salas de cinemas ingressam nessa representação? Com quais nuances os cinemas aparecem nas lembranças das pessoas que fizeram e fazem da praça a sua “mancha”⁵ de convivência?

Analisando o auge dos cinemas na Praça Saens Peña, período entre as décadas de 1940 e 1960, há sinais de que seus freqüentadores, de certo modo, experimentaram um tipo de sociabilidade com forte vínculo desejante no local. Os cinemas ali presentes teriam operado naquilo que Janice Caiafa entende por “ocupação coletiva” (CAIAFA, 2007: 20). Estabeleciam-se na rua, espaço de confronto com o desconhecido, e não em locais fechados e familiarizados. Portanto, ir à sessão de cinema era também circular no terreno urbano, deparar-se com alteridades e com o improvisado, povoar e desejar os espaços, assumindo uma relação criadora e ativa com a cidade.

A sessão começava seis, eu saía do colégio às cinco da tarde. Eu vinha correndo... Porque na época você podia ir ao cinema diversas vezes. O preço do bonde que eu pegaria da Aldeia Campista para saltar na Saens Peña pra

⁵ A categoria “mancha” é uma forma de apropriação e uso dos espaços criada por José Guilherme Magnani (2000) para explicar pontos de referência, físicos, visíveis e públicos, que reúnem em torno de si estabelecimentos, atividades e práticas, possibilitando relações “entre seus equipamentos, edificações e vias de acesso”. Funcionam de forma estável na paisagem do local e no imaginário das pessoas que os utilizam.

vir pra casa era quase que o mesmo preço do cinema. Era bem mais barato... Então eu vinha voando: General Canabarro, Barão de Mesquita... Chegava, menina, tinha fila! Aí eu ficava... Mas o filme era assim: levava naquela semana, mas depois que acabava aquela semana, ele começava a passar em outro lugar, mas eu queria ver antes. Sábado e domingo era assim: entrava num de duas às quatro e depois em outro de quatro às seis. Era cinéfila mesmo! Entrava no Metro, depois saía correndo, entrava no Carioca, do Carioca para outro... E quando tinha o Madri também, na Haddock Lobo, até hoje é fechado, um desperdício! (...) Acabou isso tudo! Até do lado do cinema Metro Tijuca tinha uma confeitaria Colombo, você almoçava ao som de violinos... Palheta... (...) Agora... hum... acabou muito! (D. Janete Pimentel, 70 anos, aposentada)

Podemos dizer que a sociabilidade nesta “segunda cinelândia carioca” teceu-se nas trocas entre espaço urbano, ambiente das salas de cinema, filmes e indivíduos nas suas diversas formas de viver e ocupar a urbe. Trata-se de experiências na ordem do compartilhamento, que Deleuze e Guattari percebem como “agenciamentos coletivos” (*apud* CAIAFA, 2007: 151). Os agenciamentos trabalham contra o sucesso da homogeneidade. “Eles são multiplicidades que ligam os elementos mais diversos” (CAIAFA, 2007: 152). Através deles, as heterogeneidades não se reduzem a identificações categorizadas e demarcadas. Há a previsão da troca, da experiência da abertura ao outro, sem tentar reduzi-lo a nossa própria identidade ou recusá-lo.

Estes cinemas, no espaço da rua, ainda que atrelados a *majors* cinematográficas de exibição e produção, convidavam as pessoas para este “corpo-a-corpo”. Possibilitavam encontros e compartilhamento de afetos e estéticas. Tudo isso num ambiente dessegregado, aberto a diferentes experiências e apropriações do espaço.

Nesse espaço coletivo se dá a mistura propriamente urbana e em alguma medida uma dessegregação, mesmo que sempre provisória e local. Cria-se um espaço de contágio com os outros e estranhos onde há uma imprevisibilidade que o confinamento familiar não permite, onde há mesmo ou pode haver uma criatividade maior dos processos subjetivos. (CAIAFA, 2007: 20)

Em algum grau, o espaço físico dos cinemas assumiu determinados lugares na vida das pessoas, combinando-se com demais aspectos físicos e simbólicos, discursivos e não-discursivos. No ambiente da urbe, salas de cinema seriam da ordem dos

elementos heterogêneos, que agem em “co-funcionamento”, sempre no âmbito coletivo, no registro social.

3.1. Palácios do Cinema

Em meados de 1940, os novos cinemas da praça foram erguidos na estrutura *movie palace*, com enormes áreas construídas, interiores em forma de *stadium* e estilo *art-déco*. O exemplo mais evidente de grandiosidade foi o Cinema Olinda, inaugurado em 1940 em frente à Praça Saens Peña e demolido em 1972 para dar lugar a um centro comercial, o Shopping 45. Foi considerado o maior cinema da América Latina, com 3.500 lugares. Era administrado pelo grupo Vital Ramos de Castro e teve um extenso quadro de funcionários. Um antigo projetorista, Seu Wilson, de 84 anos, lembra: “(...) quando eu fui trabalhar no Olinda, tinha 31 funcionários! 31 funcionários... Tinha 10 porteiros, 10 faxineiros, quatro na cabine, gerente, sub-gerente. Eu sei que dava uma coisa de 31 pessoas”.

Seu Wilson trabalhou no Olinda nos 32 anos que o cinema existiu. Entrou na empresa como porteiro, atuando também como lanterninha. Depois virou projetorista, função cujas condições de trabalho eram bem insalubres, por causa do cheiro da película e do calor da sala de projeção. Nas fotografias mostradas por Seu Wilson, onde aparece trabalhando, ele está sempre sem camisa. Ele conta que a temperatura da cabine era insuportável em algumas épocas do ano. A ventilação se dava por uma minúscula janelinha. Mesmo assim, Seu Wilson fala da grandiosidade do prédio e de seus tempos de Olinda com muita emoção, chegando a chorar durante a entrevista.

A fachada do Olinda que era a mais bonita de todas (...) É... tinha uma torre. Aquela torre acendia de noite, a fachada toda do Olinda acendia e quando era assim, feriado, tinha na torre os holofotes e tinha a bandeira brasileira. Aquilo acendia, ficava lindo... Você da praça, você via aquela beleza... Aquela fachada bonita do Olinda toda iluminada com a bandeira brasileira lá na torre... E tinha o holofote que botava... pra iluminar a bandeira. Era uma coisa muito bonita... (Seu Wilson, 84 anos, antigo projetorista do Olinda, aposentado)

Nos novos cinemas, os espectadores eram envolvidos pela opulência de mármore, corrimãos dourados, tapetes vermelhos, poltronas acolchoadas, iluminação

teatral e sistema de refrigeração potente nas áreas voltadas ao público. Logo depois do Olinda – onde, segundo alguns relatos, o interior não era “tão luxuoso” – a Saens Peña ganhou o Cinema Carioca e o Cine Metro, na Rua Conde de Bonfim.

O Carioca ficava ao lado do Cinema América; cada um ocupava uma das esquinas da rua⁶ que os separava, e ambos eram situados de frente para a Praça Saens Peña. Com fachada em estilo *art-déco*, o Carioca, assim como o América, pertencia ao grupo Severiano Ribeiro. Na entrada principal, grandes pilotis em mármore. Seu *hall* de entrada era um salão de tamanho médio, com lustre de cristal. A escadaria em mármore claro, de corrimão dourado, permitia o acesso dos frequentadores ao segundo andar. Na sala de exibição, de 1.108 lugares, uma imensa tela coberta por uma longa e pesada cortina completavam o luxo do local. Depois de seu fechamento, no final da década de 1990, pouca coisa foi alterada em seu interior. A Igreja Universal do Reino de Deus, que comprou o prédio, manteve a estrutura interna, aproveitando o aspecto de “templo” do local, mas modificou a fachada.

O Metro-Tijuca era mais um dos cinemas da rede que a Metro-Goldwyn-Mayer (MGM) geriu no Rio de Janeiro, até o final dos anos 70. Copacabana e Passeio, no Centro, também tinham cinemas do grupo americano. Ficou famoso pelo slogan que ressaltava seu “ar condicionado perfeito”. Os 1.785 lugares do Metro-Tijuca deram lugar à loja C&A, em 1977.

O hit mesmo era aqui né... aqui na praça. Tanto que a gente saía do colégio, quando tava quente, a gente ficava, tomava o bonde, saltava ali e ficava tomando aquele ar condicionado do Metro batendo papo, a minha mãe ficava doida! O ar era... ia lá na calçada! Era assim que chamava: o ar condicionado perfeito. O que hoje chamam de *soundround*, não tão sofisticado, mas o Metro tinha, aquele som, o som dele era fantástico! Porque pertencendo a uma empresa americana, toda a tecnologia que eles tinham lá vinha diretamente pra cá, né! (Seu Danilo, 63 anos, morador da Tijuca)

A partir da década de 1950 mais cinemas começaram integrar o circuito da praça. O Iskye, por exemplo, surgiu em 1956, numa galeria homônima, na Rua Conde de Bonfim, logo depois da esquina com a Rua General Roca. Antes do seu fechamento em 1990, esse cinema foi dividido em duas salas, Tijuca 1 e Tijuca 2. A transformação

⁶ Hoje se chama Rua das Flores.

de determinados *movie palaces* em duas salas de exibição menores foi uma estratégia das empresas do setor para diminuir os custos dos cinemas de rua. Atualmente, na área onde estavam o Tijuca 1 e 2 encontra-se uma loja da Casa e Vídeo. O Cine Madrid é outro cinema muito recordado pelas pessoas. Abriu em 1954, com 1827 lugares, e durou até 1970, na Rua Haddock Lobo. Havia também o Cinema Art Palácio Tijuca, que funcionou entre 1960 e 1990, na Rua Conde de Bonfim. Para um dos frequentadores, o Palácio:

(...) era um cinema muito grande, muito confortável, muito confortável... Havia poltronas acolchoadas... Outras de couro... Era muito, assim... sofisticado. Era também uma vinda de um cinema do Centro da cidade, não era bem da Cinelândia, mas na praça do jardim público, né? Que veio pra Tijuca. (Seu Murilo, 86 anos, morador da Tijuca há 84 anos, advogado)

Em seguida, as pessoas que circulavam pela Praça Saens Peña e adjacências viveriam a inauguração de mais cinemas, alguns não tão amplos e luxuosos quanto os *movie palaces*: Cine Roma (de 1960 a 1972); Cine Britânia, depois Cinema Studio Tijuca (de 1962 a 1981); Cine Bruni Saens Peña, que também teve os nomes de Cine Osaka e Cinema Excelsior (de 1963 a 1976); Cine Rio (de 1965 a 1978); Cinema Comodoro (de 1967 a 1988); Cine Bruni Tijuca (de 1968 a meados de 1990); Cine Tijuca Palace, que foi dividido em duas salas (de 1967 a 1993).

3.2. Diversões nos poeiras:

Entre os cinemas da década de 1960 – com exceção do Tijuquinha, que vinha desde 1909 –, alguns foram batizados pelo público como “poeirinhas”, ou simplesmente “poeiras”. Não ofereciam conforto algum. Muitas vezes os assentos eram de madeira e tinham tela e projeção ruins. O público se compunha geralmente por quem queria assistir filmes fora do circuito de lançamento, reprises de clássicos ou *westerns*.

Olha, nos cinemas os “poeirinhas”, você assistia dois filmes, um monte de *trailer*, jornal de esportes, jornal, como é... Noticioso nacional, os jornais estrangeiros, como aquele, é... Atualidades estrangeiras, Movietone News! Aquilo tudo! (Seu Danilo, 63 anos, morador da Tijuca)

Turmas de amigos que iam ao cinema para “fazer bagunça” costumavam procurar essas salas, aborrecendo algumas pessoas com muita gritaria e guerra de pipoca durante a projeção. Menores de idade também gostavam muito de ir aos “poeirinhas” para ver filmes “para maiores de 18 anos”. Neles, quase não havia fiscalização das carteiras de identidade e espectadores, como o arquiteto Alcides, eram “amigo[s] do porteiro, que deixava entrar direto” (Alcides, 52 anos, arquiteto).

(...) o Tijuquinha era o poeira do bairro. Os preços eram mais baratos, em geral eram filmes de faroeste, e era uma gritaria tremenda... Não havia lanterninha que desse jeito! Eles paravam de passar o filme, diziam, ameaçavam que se continuasse aquele barulho iam botar todo mundo pra fora. Era um jogando papelzinho, pipoca um no outro! Era uma verdadeira bagunça! No Tijuquinha... Mas era uma atração muito boa! Eu gostava de ir no Tijuquinha porque gostava daquela bagunça, ia pra bagunçar! (Seu Murilo, 86 anos, morador da Tijuca há 84 anos, advogado)

O Tijuquinha talvez tenha sido o poeira mais marcante da área, mas em muitas entrevistas também são citados o cinema Britânia, que depois virou cinema Studio Tijuca, e o Cine Paroquial Santo Afonso. Este último, inaugurado em 1940, pertencia à Igreja Santo Afonso e ficou aberto até 1970. Alcides conta que ia muito ao Cine Santo Afonso para ver filmes reprisados:

No Santo Afonso era sempre uma dobradinha, um italiano, o espagete, e um reprise, sempre um filme reprisado, nunca era inédito! Filmes que já tinham passado 500 vezes... Eu ia... Tinha até gato! Uma vez eu estava lá e passou em frente à tela um gato num espaço que tinha entre a tela e um murinho, acho que ela para andar ali e limpar a tela, o espaço, aí passou um gato ali. Aí, o cinema todo, né! Os padres ficaram apavorados! (Alcides, 52 anos)

As sessões do Cine Santo Afonso costumavam receber muitas crianças e famílias inteiras, que saíam da missa e iam direto para a sala de exibição. O cinema funcionava bem ao lado da igreja, no lugar onde hoje existe o supermercado Mundial, na Rua Santo Afonso. Algumas pessoas dizem que os próprios padres controlavam o “pudor” da

programação. Cenas de beijo, por exemplo, eram sumariamente cortadas dos filmes exibidos.

3.3.Hollywood na Praça Saens Peña:

Apesar do sucesso e da simpatia que os poeiras tinham entre o público, o luxo, o conforto e o ar condicionado dos grandes *movie palaces* seriam itens essenciais para adequação dos espectadores ao “mundo de sonhos”, que as produções de Hollywood apresentavam. Nesta época, os cinemas lançadores⁷ da Praça Saens Peña – como Metro, Olinda, Carioca e América – ofereciam muitos musicais e dramas hollywoodianos, em sessões vespertinas ou noturnas. Passavam também filmes de guerra e grandes produções como “Ben-hur” (1959) e “Salomão e a rainha de Sabá” (1959). Geralmente, cada sessão era composta por uma programação que poderia incluir um filme principal mais um adicional, curtas-metragens e cine-jornais⁸. Filmes de Walt Disney e o Festival Tom e Jerry entravam na programação das matinês para as crianças, sendo reprisados muitas vezes.

O Metro tijuca tinha um festival anual, sendo que esses festivais era um por dia, eu tinha as papeletas todas, mas joguei tudo fora com as programações. Era uma semana de filmes! Eu ia ver “Cavaleiro da Távola Redonda”, todos os galãs lindos de morrer, e o cinema fazia um fila imensa (...) Os filmes eram lindíssimos, coisas maravilhosas... Os cenários, era tudo muito lindo. Mas dizem que hoje não se pode viver de ilusão, mas aquilo não era ilusão. Aquilo faz falta! (D. Janette Pimentel, 70 anos, aposentada)

⁷ Cinemas lançadores eram as salas que estreavam filmes. De acordo com os depoimentos de alguns entrevistados, havia determinadas regras entre os cinemas para exibir filmes que acabavam de chegar ao mercado brasileiro. Os filmes produzidos pela Metro-Goldwyn-Mayer (MGM), por exemplo, só podiam ser passados nos cinemas Metro, que faziam parte do grupo MGM. Após o lançamento e depois de certo período de maturação do filme junto às audiências, acordos permitiam que outras empresas de exibição cinematográfica passassem o filme. Ao contrário dos lançadores, os “poeirinhas” programavam filmes mais antigos e reprises.

⁸ Os cinemas da Praça Saens Peña, lançadores e “poeirinhas”, ofereciam uma vasta programação. Antes do filme principal eram exibidos adicionais. Caso o espectador não sáisse de dentro da sala de exibição, poderia ver e rever todos os filmes programados mais os cine-jornais, o dia inteiro, pelo preço de apenas um ingresso. Era comum haver: uma sessão matinê, às 10 horas ou ao meio dia (principalmente aos domingos, depois da missa das crianças nas igrejas da redondeza, Santo Afonso e Sagrados Corações); duas sessões vespertinas, às 14 horas e às 16 horas ou às 18 horas; às vezes, uma sessão às 20 horas; e sempre uma sessão às 22 horas, que terminava por volta de meia noite, horário em que a maioria dos cinemas fechava.

Tom e Jerry... Eu passava muitos deles, desse aí lá... “Branca de neve e os sete anões”, “Fantasia”... O que mais?... “A gata borralheira”, aqueles desenhos do Walt Disney, né! (...) Quando era uma grande produção, sempre dava umas filas grandes, né! (...) O Olinda quando inaugurou, o assento era de madeira, depois pra poder passar lançamento, eles botaram poltrona, né! (...)Eu passei “Branca de Neve” no Olinda umas três ou quatro vezes, porque dava muito dinheiro... Todo ano nas crianças, né... (Seu Wilson, 84 anos, trabalhou 32 anos como porteiro e projetorista do Cinema Olinda)

Renato Ortiz (1988) comenta que nas décadas de 1940 e 1950 – enquanto a “política de boa vizinhança” entre Estados Unidos e América Latina se cumpria – o consumo de filmes americanos aumentava no Brasil.

E uma coisa: nós éramos totalmente financiados pela cultura americana, não tinha como escapar disso, não tinha como! (...) Eu ficava doido com aquilo porque, veja bem, aquilo me satisfazia o espírito, não que eu tivesse assim uma admiração incondicional pelos Estados Unidos não, mas só que eles estavam num patamar cultural e tecnológico tão acima da linha e que eu queria chegar a conhecer aquilo e tal... (Seu Danilo, 63 anos)

Ainda segundo Ortiz, o que impulsionou o consumo das produções de Hollywood foram dois fatores: mudanças na indústria cinematográfica dos Estados Unidos, que se voltava ao mercado mundial, e a sedimentação do cinema como bem de consumo entre brasileiros. As grandes filas para as sessões dos lançamentos americanos nos cinemas da Praça Saens Peña, de que falam muitos entrevistados, são bons indicadores deste espírito da época.

4. Palavras finais: (re)construções da memória, sociabilidade e alteridades

É muito comum notar nos entrevistados mais idosos uma emoção ao “presentificar” aquilo que se ausenta. O ausente não parece vir com um acabamento definido, cristalizado. Ele é recontado e, em algum grau, recriado. As sensações de outrora, não passíveis de reprodução, dão lugar à emoção do momento de lembrar. A memória não é tirada pronta de dentro do fundo falso de uma caixa. Ao contrário, ela parece ser cunhada no instante da fala.

Aí começaram a chegar os cinemas... Eu não tenho certeza da ordem, mas chegaram o Metro, o... como era?!... O Metro era um grande cinema do Centro da cidade, no Passeio. Aí veio o Metro Tijuca, depois do Metro Tijuca nós tivemos vários outros cinemas, principalmente o Olinda... Um cinema muito bonito, grande, de muitas acomodações. (...) Eu tenho saudades do cinema Olinda, até não só porque eu freqüentava, não, não é isso... Tenho saudade de ver! Aquele prédio, aquele cinema! É uma beleza... (...) É... a vida é isso: mudança constante, transformação a toda hora. Quem não se abre para essas transformações fica pra trás (Seu Murilo, 86 anos, morador da Tijuca há 84 anos, advogado)

Nessa direção, Ecléa Bosi (1994) coloca no seu livro sobre lembranças de velhos, que nem mesmo um esforço abstrato consegue recriar impressões passadas. As sensações passadas, aquela determinada captação do mundo que se deu, perderam o tônus vital. Não se pode “reviver o passado”, de onde nasceriam lamentos nostálgicos. O que há é uma espécie de evocação.

Quando passamos na mesma calçada, junto ao mesmo muro, o ruído da chuva nas folhas nos desperta alguma coisa. Mas, a sensação pálida de agora é uma reminiscência da alegria de outrora. Esta sombra tem algo parecido com a alegria, tem o seu contorno: é uma evocação (BOSI, 1994: 84)

As conversas sobre idas a cinemas como Metro, América, Olinda e Cine Santo Afonso revelam diferentes formas de apreensão do local urbano. Este espaço do cinema, emaranhado ao ambiente da rua, foi experimentado na diversidade, na possibilidade de dispersão e nos agenciamentos entre heterogêneos. Como diz Seu Wilson: “vinha gente de tudo que era lado, né? Méier... A pessoa ia passear, ia pro cinema... tanto no Olinda, quanto no Metro. De tudo que era lugar, né!” (Seu Wilson, 84 anos, ex-projecionista do Olinda).

Na Praça Saens Peña, as pessoas encontravam o cinema num espaço urbano coletivo, acessível e disponível. O cinema não estava restringido a um espaço demarcado e orientado ao consumo, como parece ocorrer nas atuais salas de exibição da Tijuca. Hoje, os únicos seis cinemas do bairro integram um complexo *multiplex* no *Shopping Tijuca*, onde os assentos são numerados, previamente escolhidos, algo que opera contra o imprevisto dos encontros e o confronto com o desconhecido.

Ao contrário disso, as memórias relativas à Saens Peña como “segunda cinelândia carioca” passam a idéia do encontro entre alteridades. Outros indivíduos, cinema, filmes e a mistura urbana traziam mundos possíveis às pessoas que ali circulavam. Retomando textos de Gilles Deleuze e Michel Tournier, Janice Caiafa (2007) lembra como outrem pode nos mostrar mundos possíveis, diferentes do nosso. Nos encontros entre heterogeneidades, em agenciamentos, há sempre um jogo de transformação, onde as subjetividades estão em constante processo e nunca totalmente acabadas. “Ao me possibilitar essa experiência do desconhecido, ao me mostrar esses mundos possíveis, outrem – esse operador de diferenciação (...) – me tira de mim, ele me distrai” (CAIAFA, 2007: 155). De fato, as memórias dos cinemas da Praça Saens Peña, construídas por diversas pessoas, carregam afetos múltiplos e formas infinitas de apreensão dos espaços. Guardam em si uma potência criadora.

Referências Bibliográficas:

1) Livros e capítulos de livros:

BARROS, José D’ Assunção. *Cidade e história*. Petrópolis: Vozes, 2007.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

CAIAFA, Janice. *Aventura das cidades*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

_____. *Jornadas urbanas*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

CARDOSO, Elizabeth Dezouart et al. *História dos bairros: memória urbana – Tijuca*. Rio de Janeiro: Index, 1984.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1992.

_____. E GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. São Paulo: Editora 34, 1997.

Vol. 5.

GUATTARI, Félix. *Caosmose – um novo paradigma estético*. São Paulo:

Editora 34, 1992.

_____. e ROLNIK, Suely. *Micropolítica – cartografias do desejo*.

Petrópolis: Vozes, 2005.

GONZAGA, Alice. *Palácios e Poeiras – 100 anos de cinema no Rio de Janeiro*.

Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Funarte, Record, 1996.

LIMA, Evelyn Furquim Werneck. *Arquitetura do espetáculo: teatros e cinemas na*

formação da Praça Tiradentes e da Cinelândia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

MAGNANI, José Guilherme C. *Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na*

metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme C. e TORRES, Lilian de Lucca (orgs.).

Na metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo: Edusp/ Fapesp, 2000.

OLIVEIRA, Lili Rose. *Tijuca de rua em rua*. Rio de Janeiro: Rio, 2004.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria*

cultural. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SANTOS, Alexandre Mello et al. *Quando memória e história se entrelaçam – A*

trama dos espaços na Grande Tijuca. Rio de Janeiro: Ibase, 2003.

2) Revistas:

MAIA, Antonio. *Tijuca: apontamentos para a história do “aristocrática bairro”*.

Nossa Tijuca em Revista, 1984. Vol.1.

Revista da Semana, 8 de maio de 1915.

Revista da Semana, 14 de abril de 1917.